



Noções de Agroecologia no MST e a experiência do Assentamento Cunha em Goiás

Agroecology notions of the MST and the experience in the settlement of Cunha in Goiás

ALMEIDA, Fernanda T.F.; SAUER, Sérgio

Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (Mader) da Faculdade UnB de Planaltina, Universidade de Brasília, fernandafrade2@gmail.com; sauer.sergio@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa no Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (Mader), da Faculdade UnB de Planaltina, defendida em agosto de 2014. A pesquisa estudou a relação entre a concepção de Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a experiência agroecológica no Assentamento Cunha, localizado em área rural do município de Cidade Ocidental, no estado de Goiás. Tomando o assentamento Cunha como uma experiência agroecológica concreta do MST, a preocupação central se desdobrou nas seguintes perguntas: Qual a concepção de Agroecologia do MST? Quais os diferentes momentos históricos e estágios pelos quais passou a Agroecologia no MST e na experiência do Assentamento Cunha? Qual foi o papel e a contribuição do MST na trama que constituiu a experiência agroecológica no Assentamento? A metodologia utilizada foi essencialmente qualitativa, com o uso de instrumentos como observação in locu, apontamentos de diário de campo, entrevistas estruturadas e semiestruturadas, gravação em áudio e fotografias. A pesquisa demonstrou que a reterritorialização camponesa provocou a emergência de diversos conflitos que impactaram negativamente na experiência agroecológica, provocando a retomada do desenvolvimento da agricultura capitalista. Apesar disso, a pesquisa identificou que o processo formativo em Agroecologia no Assentamento Cunha, realizado pelo MST e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), durante a realização do Programa Biodiversidade Brasil-Itália, entre os anos 2005 e 2009, foi o aspecto mais positivo de toda a experiência. Também demonstrou que, embora o discurso do MST sobre Agroecologia ainda não esteja unificado, princípios e práticas adotadas, ao longo do tempo, têm seguido debates internacionais da Via Campesina, da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), assim como concepções, estudos e formulações de reconhecidos especialistas no tema. As práticas estão pautadas nas concepções teóricas e buscam uma concretização de princípios como respeito ao meio ambiente, cooperação, relação entre ruptura e transição agroecológica e soberania alimentar.

Palavras-chave: experiência agroecológica; assentamento de reforma agrária; organização produtiva.

Abstract: This paper presents results of my research project to earn a Master of Environment and Rural Development (Mader) at the UnB Faculty of Planaltina (August 2014). I studied the relationship between the theory of Agroecology of the Landless Workers Movement (MST) and the practice of Agroecology in the settlement of Cunha, located in rural Cidade Ocidental, in the state of Goiás. Taking Cunha settlement as a concrete



agroecological experience of the MST, the guiding questions are as follows: What is the theory of Agroecology? What are the different historical moments and stages through which Agroecology passed within the MST and the experience in the settlement of Cunha? What was the role and contribution of the MST in the agroecological experience in the settlement? This paper applies a qualitative methodology, using techniques such as observation in locus, journal field notes, structured and semistructured interviews, audio recordings, and photographs. The research shows that peasant repossession caused the emergence of several conflicts that impacted negatively on the agroecological experience in the settlement, causing the resurgence of capitalist agriculture. Nevertheless, the research identified that the training process in Agroecology in the settlement of Cunha, held by the MST and the Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa) with the Program Biodiversity Brasil-Itália (2005-2009), was the most positive aspect of the whole experience. The project also showed that while the MST discourse on Agroecology is not yet unified, principles and practices, over time, have followed the international debates promoted by the Via Campesina, the National Agroecology Articulation (ANA) and the Brazilian Association of Agroecology (ABA), as well as theories, studies, and lectures in the subject area. The practices are guided by theories and principles such as the respect for the environment, cooperation, relationship between rupture and agroecological transition and food sovereignty.

Keywords: agroecological experience; settlement of land reform; productive organization.

Introdução

Embora a crise do cooperativismo no MST seja apontada como a grande motivadora da (re)organização produtiva baseada na Agroecologia (BORGES, 2007; BARCELLOS, 2010), Correa (2007) identifica três fases desse processo, sendo a primeira anterior à essa crise. Na primeira fase (1984 a 1994) existiam articulações do MST com instituições e organizações não governamentais ligadas a temas ambientais, inclusive a participação ativa em atividades da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio'92 ou Eco'92), em 1992 (CPT, 1993).

Durante a segunda fase (1995 a 2000), o MST começou a perceber a inviabilidade do modelo agrícola industrial para os assentamentos de reforma agrária e o debate em torno da Agroecologia surgiu com maior ênfase (CORREA, 2007). Influenciado também por discussões sobre agricultura orgânica, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável pós-Eco'92, a preocupação pelas questões ambientais, associadas à luta pela terra e pela reforma agrária, foram sendo incorporadas como parte da então chamada 'agricultura alternativa' (SCHMITT, 2013).



O terceiro período de aproximação do MST da Agroecologia começou em 2001 e se estende até os dias atuais. Atualmente, o MST busca a universalização da Agroecologia nas unidades produtivas dos assentamentos, sejam individuais ou coletivas, com a oferta de assistência técnica, de cursos de formação em Agroecologia e com a criação de agroindústrias (entrevista com Zarref em 30 de junho de 2013).

Metodologia

A metodologia utilizada foi essencialmente qualitativa, com observação *in locu*, apontamentos em diário de campo, entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Além da revisão da literatura, a primeira etapa do levantamento de campo consistiu na realização de entrevistas estruturadas com lideranças nacionais do MST. A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas estruturadas com membros do Grupo Eldorado Carajás, principal ator da experiência Agroecológica no Assentamento Cunha, e entrevista semiestruturada com pesquisador da Embrapa.

Resultados e discussões

A Agroecologia se tornou diretriz ou bandeira política do MST em 2007. Como essa é uma decisão macro política recente, ainda não existe no MST uma compreensão unificada sobre o conceito de Agroecologia (entrevista com Tardin em 4 de agosto de 2013). Os militantes do MST entrevistados discorreram sobre diferentes concepções de Agroecologia e apresentaram alguns princípios que norteiam tanto concepções como práticas, que são o respeito ao meio ambiente; cooperação; relação entre ruptura e transição agroecológica e soberania alimentar.

Segundo entrevistas, o MST e a Via Campesina avaliam que a Agroecologia é uma **área do conhecimento**, que associa o conhecimento histórico das populações do campo aos conhecimentos científicos e acadêmicos. Essa **ciência** (SCHMITT, 2013)



proporciona uma orientação capaz de conduzir uma determinada família, comunidade, sociedade a reconstruir as bases ecológicas da vida (entrevista com Tardin em 04 de agosto de 2013). Zarref (30 de junho de 2013) conceitua a Agroecologia como **prática social** ligada ao campesinato, fazendo eco com Guzmán e Molina (2005). Esses autores afirmam que o campesinato é uma forma de se relacionar com a natureza, considerando-se parte dela em um processo de coevolução (GUZMÁN e MOLINA, 2005).

A Agroecologia se apresenta também como uma orientação para qualificar o embate da luta de classes contra o capital e repensar um **novo projeto societário**, que inclua a dimensão ecológica da vida e oriente as relações dos seres humanos entre si e com a natureza. O Programa Agrário do MST (2013) define a Agroecologia como uma nova **matriz tecnológica**, um novo jeito de produzir na agricultura, o que foi reafirmado por Zarref, Tardin e Rascunho (entrevista em 9 de julho de 2013). Embora explicitada pelos militantes e pelo documento, a análise dessa concepção não é desenvolvida, criando uma lacuna no entendimento do que é a Agroecologia como matriz tecnológica.

A pesquisa identificou que o processo formativo em Agroecologia no Assentamento, realizado pelo MST e pela Embrapa, durante a realização do Programa Biodiversidade Brasil-Itália, entre os anos 2005 e 2009, foi o aspecto mais positivo de toda a experiência. Porém, observou-se uma descontinuidade das ações do MST e mesmo da Embrapa junto às famílias do Grupo Eldorado Carajás, as principais responsáveis pelas experiências em Agroecologia. Infelizmente, houve o recuo das experiências agroecológicas e a retomada do desenvolvimento da agricultura capitalista.

Conclusões

Durante a pesquisa de campo, pode ser observado que o MST, a partir da reavaliação da matriz tecnológica de produção e consequente definição da



Agroecologia como matriz tecnológica para o desenvolvimento dos assentamentos, buscou, desde a ocupação, promover o processo de territorialização da Agroecologia no Assentamento Cunha. Para tanto, procurou organizar sua base para desenvolver um modelo de organização coletiva do trabalho, baseado na propriedade coletiva da terra, em contraponto à centralização organizativa; buscou desvincular-se da padronização da produção e, ao contrário, estimulou a agrobiodiversidade com o objetivo de potencializar a autonomia dos assentados e a soberania alimentar; buscou desconstruir o modelo produtivista do assentamento e, para isso, começou a pautar a organização pelas especificidades locais, valorizando os saberes tradicionais em articulação com os saberes científicos trabalhados pela Embrapa e Inca. Apesar desse esforço, a reterritorialização camponesa provocou a emergência de diversos conflitos territoriais que impactaram negativamente na experiência agroecológica, provocando a retomada do projeto territorial de desenvolvimento da agricultura capitalista.

Referências

ALMEIDA, Fernanda T. F. **O conceito e a prática de Agroecologia do MST: a experiência do Assentamento Cunha em Cidade Ocidental/Goiás.** Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, Mader) - Universidade de Brasília, Faculdade UnB de Planaltina, Brasília, 2014.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A Formação do discurso da Agroecologia no MST.** 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais do Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro, 2010.

BORGES, Juliano Luis. **A Transição do MST para a Agroecologia.** 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Londrina, 2007.

CPT – Comissão Pastoral da Terra. **Conflitos no campo Brasil 1992: luta e sonho na terra.** Goiânia: Edições Loyola, 1993.

CORREA, Ciro. **O MST em marcha para a Agroecologia: uma aproximação à construção histórica da Agroecologia no MST.** 2007. 61 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Universidade Internacional da Andalúcia e Universidade de Córdoba, Master em Agroecología: um enfoque sustentable de la agricultura ecológica, 2007.



GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel, G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MST – Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Programa Agrário do MST**: texto em construção para o VI Congresso Nacional. São Paulo: Secretaria Nacional, 2013.

SCHMITT, Claudia J. Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: SAUER, Sergio e BALESTRO, Moisés V. (orgs.). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 177ss.